

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



INTERLOCUÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DO TRABALHO E DA CLASSE TRABALHADORA NO BRASIL

Eduarda Salla Marcelino¹

Cristiane Luiza Sabino de Souza²

RESUMO

O presente trabalho realiza algumas interlocuções sobre a história do trabalho e da classe trabalhadora no Brasil. Para tanto traz um debate categorial que tem por base os pressupostos teóricos da Teoria Marxista da Dependência em diálogo com autores como Clóvis Moura, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. Ao longo da exposição desenvolvemos algumas mediações necessárias para a apreensão da complexidade do racismo e do sexismo nas relações sociais sob o capitalismo dependente latino-americano, portanto, a sua relação com a produção de riquezas, acumulação do capital e a luta de classes. Assim, busca explicitar, sobretudo a partir da obra de Carolina Maria de Jesus, suas implicações de tais relações na vida e no trabalho da classe trabalhadora, sobretudo da sua parcela feminina e negra.

Palavras-chave: Racismo. Sexismo. Superexploração

ABSTRACT

This paper discusses the history of labor and the working class in Brazil. To do so, it brings a categorial debate based on the theoretical assumptions of the Marxist Theory of Dependence in dialogue with authors such as Clóvis Moura, Lélia Gonzalez and Carolina Maria de Jesus. Throughout the presentation we develop some necessary mediations for the apprehension of the complexity of racism and sexism in social relations under Latin American dependent capitalism, therefore, its relation with the production of wealth, accumulation of capital and class struggle. Thus, it seeks to make explicit, especially from the work of Carolina Maria de Jesus, the implications of such relations in the life and work of the working class, especially its female and black portion.

Keywords: Racism. Sexism. Superexploitation

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestranda em Serviço Social. E-mail: eduardasallamarcelino@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) Doutora em Serviço Social. Email: crisabino@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, com uma perspectiva materialista-histórico-dialética, problematizamos alguns elementos acerca da história do trabalho e da classe trabalhadora no Brasil. Ao considerar como chão histórico a realidade capitalista dependente e a formação sócio-histórica originária de um processo escravista-colonial, reivindicar a história do trabalho exige atenção às múltiplas determinações que lhes são constitutivas. Lançar luz a essência das relações sociais complexas e contraditórias que regem uma sociedade desigual e violenta, assentada na superexploração da força de trabalho é um dos objetivos principais. Sociedade para a qual o racismo e o sexismo se fazem pilares fundamentais, os quais se radicalizam sob a crise do capital, o aprofundamento da dependência e da subordinação externa.

Para tanto, o exercício teórico requer distintas interlocuções e, nesse sentido, colocamos em diálogo as obras teóricas de Clóvis Moura e Lélia Gonzalez, que dinamismo na mediação com a obra literária de Carolina Maria de Jesus; ademais tomamos como base na discussão sobre o capitalismo dependente e a superexploração da força de trabalho, as elaborações da Teoria Marxista da Dependência. Ao longo da exposição desenvolvemos algumas mediações necessárias para a apreensão da complexidade do racismo e do sexismo nas relações sociais sob o capitalismo dependente latino-americano e, portanto, a sua relação com a produção de riquezas, acumulação do capital e a luta de classes.

A construção das análises presentes nesse artigo reforça a importância e a fecunda contribuição do método de Marx para o estudo da realidade constituída pelas contradições de classe, raça e sexo sob o comando do capital. O artigo está estruturado em dois itens além desta introdução e da conclusão: o primeiro que se propõe a expor as categorias teóricas e os processos históricos fundamentais à explicitação das contradições sociais no capitalismo dependente brasileiro e destaca a indissociabilidade entre classe, raça e gênero na constituição da classe trabalhadora; e o seguinte que busca na obra literária de Carolina Maria de Jesus, o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



retrato das relações sociais mediadas pela superexploração e pela dominação de raça e gênero no Brasil.

2 CATEGORIAS TEÓRICAS FUNDAMENTAIS À EXPLICITAÇÃO DAS CONTRADIÇÕES SOCIAIS NO CAPITALISMO DEPENDENTE

A Teoria Marxista da Dependência, em especial o autor Ruy Mauro Marini, possibilita compreender como o capitalismo *sui generis* latino-americano, dado a formação sócio-histórica do continente, com suas veias abertas pelo colonialismo e escravidão vai assumir particularidades e um papel específico na dinâmica do capitalismo mundial, o da dependência. Dessa forma, o autor elabora uma categoria central para o desenvolvimento do presente trabalho, a qual expressa a modalidade particular de exploração da força de trabalho no capitalismo dependente latino-americano: *a superexploração da força de trabalho*.

Ela é um mecanismo adotado nos países latino-americanos por meio da intensificação dos processos de extração de mais-valia nas suas formas relativas absolutas e combinadas, segundo análise de Marini (2005), caracteriza-se como um regime de regulação da força de trabalho em que a acumulação de capital repousa sobre a maior exploração do trabalhador e não no aumento da sua capacidade produtiva.

A superexploração da força de trabalho é a expressão concreta desse processo de colonização da América Latina. Processo o qual, de acordo com Fernando Báez (2010), foi estruturado pelo *genocídio* com o extermínio tanto dos povos originários e dos povos africanos escravizados, pelo *etnocídio* por meio da destruição cultural de um povo e pelo *memoricídio* com o pagamento de todo o patrimônio histórico - tangível ou intangível.

Esse processo no Brasil, constituiu, um modo de produção particular para atender as necessidades do desenvolvimento capitalismo que se desenvolvia: o *escravismo colonial* (GORENDER, 2016). Esse modo de produção foi formado a partir da invasão e na extinção dos modos de produção dos povos originários que

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



aqui existiam, e pela escravidão enquanto eixo central de todas as relações sociais de produção. Temática que também é apreendida a partir da obra de Clóvis Moura principalmente no que tange a dinâmica da luta de classes no modo de produção escravista colonial.

E, é a partir da invasão colonial no século XV nos países latino-americanos, que a terra passa a assumir outro sentido. Não mais o sentido de território comum, mas sim, de expropriação, violência, mercantilização e produção de mais valor que se consolida na transição do escravismo colonial para o capitalismo dependente a partir da Lei de Terras (1850). Esse sentido imposto pelo colonialismo que fundado no trabalho escravo dos povos originário e do povo negro, vai se expressar no capitalismo dependente na maldição do monopólio da terra, no latifúndio e monocultura (SOUZA, 2020) (TRASPADINI, 2016).

Recorre-se, então, a Clóvis Moura, que possibilita compreender elementos constitutivos da formação da classe trabalhadora na transição entre escravismo colonial e capitalismo dependente. O autor apresenta como os trabalhadores negros ex-escravizados tornaram-se cidadãos repelidos do novo modo de produção que emergia, por meio de barragens sociais e econômicas que não assimilou essa imensa população ao trabalho assalariado. Além disso, há uma imensa introjeção de mão de obra imigrante, branca, europeia que vinha enquanto excedente populacional da Europa. O resultado disso foi uma grande massa marginalizada, que não possuía condições de se incorporar ao processo de trabalho novo, sendo colocada, continuamente, na franja marginal do capitalismo dependente.

Diante dos mecanismos de desenvolvimento que foram libertados, houve um movimento de proteção a esses imigrantes, através de uma política dirigida e de planos integrativos, enquanto o ex-escravo era sistematicamente repelido. Tanto na indústria nascente como na agricultura, especialmente no seu setor mais dinâmico que era a lavoura do café, houve um trabalho racional de fixação do imigrante, enquanto as populações negras flutuantes eram transformadas, paulatinamente, em exército industrial de reserva (MOURA, 2021, p. 49).

A franja marginal foi categorizada por Moura (2021) no sentido de explicar o processo vivenciado pela população negra ex-escravizada, na transição do

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



escravismo colonial para o capitalismo dependente, numa sociedade competitiva em que há uma grande massa de trabalhadores não absorvida na economia global. Contudo, para Moura (2021) essa massa marginalizada vai para além da categoria do exército industrial elaborada por Karl Marx, a medida em que:

Há, finalmente, a contradição que se estabelece entre o trabalhador negro, recém-saído da escravidão, quase sempre desempregado ou na faixa do sub-emprego, e o trabalhador branco, estrangeiro, que veio para suprir de mão-de-obra uma economia que entrava em um modelo econômico já condicionado pelo imperialismo. Por isto mesmo necessitava de um contingente marginalizado bem mais compacto do que o exército industrial de reserva no seu modelo clássico europeu. Havia necessidade da existência de uma grande franja marginal capaz de forçar os baixos salários dos trabalhadores engajados no processo de trabalho. Essa franja foi ocupada pelos negros, gerando isto uma contradição suplementar. (MOURA, 1983, p. 133).

Esse contexto revela, portanto, os elementos que são constitutivos para a formação da classe trabalhadora brasileira, a qual é marcada desde sua origem pela divisão social, racial e sexual do trabalho e pela marginalização da população negra e indígena. O resultado disso como evidência Moura, foi:

O que sobrou para o ex-escravo neste quadro? Exatamente o subemprego, o desemprego, a marginalização progressiva. O que sobrou para a mulher negra? Os trabalhos não qualificados de doméstica, que substituiu os da Mãe Preta e da mucama, o subemprego nas fábricas e a baixa prostituição forçada. Esta foi a realidade que o negro encontrou para resolver, com as suas próprias forças, depois de quatro séculos de escravidão. (MOURA, 2021, p. 49).

2.1 A indissociabilidade entre classe, raça e gênero na constituição da classe trabalhadora

Portanto, no sentido de aprofundar a compreensão das relações envolvidas no processo de construção de um projeto político-ideológico de discriminação da população negra, recorre-se a Lélia Gonzalez (2020), com o objetivo de qualificar esse debate no que tange a outro elemento que marca o surgimento do trabalho livre no Brasil, a relação entre a divisão social, racial e sexual do trabalho, a partir da análise do sexismo na sociedade brasileira. Pois de acordo com Lélia (2020), as

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



mulheres negras são triplamente discriminadas no Brasil, dada a conformação histórica construída desde o processo de transição entre os modos de produção.

A mulher negra escravizada durante o escravismo colonial era forçada a ocupar o lugar de escrava trabalhadora do eito e de mucama, onde no primeiro trabalhava de forma semelhante ao homem negro nas funções dos campo, engenho, mas também tinha um papel fundamental de dar a força moral, que incitava seus companheiros às lutas e as revoltas, ao mesmo tempo em que resistiam de diversas formas, seja pela liderança nas rebeliões como representou Luísa Mahin na Revolta dos Malês e até mesmo pelo suicídio e assassinatos, para que seus filhos não sofressem com a brutalidade da escravidão. Já no segundo caso, a mucama enfrentava a imensa tortura de manter a casa do senhor de escravos, cuidar e criar dos filhos tortura de manter a casa do senhor de escravos, cuidar e criar dos filhos dos senhores de escravos, cozinhar seus alimentos, amamentar suas crianças e ter que sofrer os abusos e violências sexuais do senhor de escravos.

O papel da mucama ocasionou o que Lélia (2020) vai discorrer sobre a figura da Mãe Preta, a qual tinha como responsabilidade a criação dos filhos dos senhores de escravos e que ficou marcado na história oficial como uma personagem que representava a harmonia das relações entre as raças e a benevolência da escravidão no Brasil. Narrativa utilizada para reforçar a ideia de que “representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo” (GONZALEZ, 2020, p. 54). Contudo, de acordo com Lélia, não se pode deixar de considerar as diversas formas de resistência, sendo a “passiva” uma delas.

No caso das mulheres negras está evidente que os mais de 300 anos de escravidão consolidam no capitalismo dependente a divisão racial e sexual do trabalho, onde o “racismo - enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas - passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura” (GONZALEZ, 2020, p. 34). Entretanto, não existe somente uma discriminação racial perpetuada pelo racismo em relação a mulher negra, mas o que Lélia Gonzalez (2020) caracteriza como *racismo cultural*, o qual normaliza na

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



sociedade brasileira, que mulheres num geral e, principalmente a mulher negra, ocupem espaços precarizados e desvalorizados, sendo principalmente serviços que não são relacionados com lidar com o público; bem como a aceitação das diferenças salariais entre homens e mulheres e, em específico, entre homens brancos e mulheres negras.

No período que imediatamente sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadão iguais perante a lei”, coube a mulher negra arcar com a posição de viga mestre de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi duplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, prepara o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar às três ou quatro horas da madrugada para “adiantar os serviços caseiros” e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente. (GONZALEZ, 2020, p. 40)

Para a Lélia Gonzalez (2020), a exclusão da mulher negra na sociedade brasileira, a partir do trabalho livre, se dá fundamentalmente por dois papéis sociais centrais: “doméstica” e “mulata”, o primeiro demarca sobre os trabalhos tidos como exercício natural das mulheres negras tais como merendeiras, empregadas domésticas, servente de serviços gerais, entre outros. E o segundo versa sobre a sexualização das mulheres negras na sociedade brasileira, tida como objeto sexual de turistas e brasileiros, de modo que momento de auge da figura da mulata é no carnaval, momento de seu máximo reconhecimento, o que a leva a um grande processo de reificação e alienação de si própria. Sendo a doméstica o completo oposto a essa exaltação, pois trata do cotidiano da vida das mulheres negras. Além disso, é importante exprimir que a sexualização das mulheres negras está relacionada diretamente com o processo de folclorização e deturpação da cultura negra no Brasil, o que, por sua vez, está diretamente relacionado com o que foi discorrido anteriormente (GONZALEZ, 2020, p. 44)

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isso porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte e “mãos brancas” estão aí matando negros à vontade; observe que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (GONZALEZ, 2020, p. 83)

Evidencia-se então, em diálogo com Lélia Gonzalez (2020), acerca da condição da mulher negra na formação sócio-histórica brasileira, como o trabalho livre no capitalismo dependente nasce estruturado pela divisão racial, sexual e social do trabalho. É nesse sentido que a obra de Carolina Maria de Jesus se faz pertinente, pois revela como esse passado permanece presente por meio da superexploração da força de trabalho.

3 O RETRATO DA DIVISÃO SOCIAL, RACIAL E SEXUAL DO TRABALHO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A obra de Carolina Maria de Jesus retrata a divisão social, racial e sexual do trabalho no Brasil, estabelecendo-se, um diálogo entre autores e categorias teóricas apresentados acima. Tomou-se como referência principal dois livros da autora: “*Quarto de despejo: Diário de uma favelada*” e “*Diário de Bitita*”. A escolha das obras deve-se ao fato de que Carolina é, ao mesmo tempo, escritora e personagem principal das mesmas, nas quais narra sua história de vida cotidiana em diferentes momentos, ao mesmo tempo em traz muitos aspectos que revelam a história do Brasil, desde o lugar de quem vivencia sempre à margem. Portanto, a obra de Carolina permite dar luz às categorias desenvolvidas ao longo do trabalho: desigualdade, racismo, miséria, sexismo, a violência, desumanização das relações sociais, superexploração da força de trabalho. Nessa parte do texto, optamos por colocar os trechos trabalhados da obra de Carolina no corpo do parágrafo, para dar mais fluidez à leitura, em vez de destacá-los como citação direta.

Assim, trazendo a mediação com a categoria do racismo, e suas dimensões, pode-se observar no seguinte trecho da obra de Carolina a relação com o que foi apresentado por Clóvis Moura (2021): “*Um dia perguntei a minha mãe: - Mamãe, eu*

PROMOÇÃO



APOIO



sou gente ou bicho? – Você é gente, minha filha! – O que é ser gente?” (JESUS, 2014a, p.15). Essa citação representa a desumanização e a reificação da imagem do negro na sociedade brasileira (MOURA, 2021). Importa demarcar, que Carolina descreve suas memórias de infância, apresentando ao leitor a perspectiva das vivências e reflexões de uma criança que sentida e tecia reflexões acerca da realidade concreta, a qual era diferente das crianças brancas, a medida em que o racismo enquanto mecanismo ideológico de dominação e um conjunto de práticas concretas (MOURA, 1983; GONZALEZ, 2020), faz com que crianças negras tenham que, desde cedo, vivenciar situações de preconceito racial, de subordinação e desumanização.

Em outra passagem Carolina fala: *“Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexos na mente do negro”* (JESUS, 2014a, p. 47). Essa citação evidencia o racismo enquanto desdobramento da ideologia do colonizador, o qual é introjetado na sociedade capitalista dependente, a partir da divisão social e racial do trabalho, a medida em que o negro deveria ser aceito socialmente de forma pacífica como inferior, ao mesmo tempo em que era colocado em igualdade ao branco para exercer as funções que eram tidas como “inferiores” para os brancos. (MOURA, 1995).

Ao dar continuidade no diálogo entre Carolina Maria de Jesus e Clóvis Moura, apresenta-se outra dimensão do racismo: a criminalização da população negra no Brasil, na qual o negro é colocado no lugar de *mau cidadão*, a medida em que é mau e bem são conceitos criados por valores e ideologias da classe dominante. Mas, colocado nesse lugar, de que forma? Como explicitado anteriormente no período de transição do escravismo colonial ao capitalismo dependente, diversas foram as barragens sociais elaboradas para os/as negros/as não comporem o novo mercado de trabalho livre no País, sendo eles empurrados

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



para as margens do novo modo de produção, tornando-se força de trabalho sobrando para muito além das demandas de um exército industrial de reservas (SOUZA, 2022). Tal processo levou os trabalhadores ex-escravizados, recém-saídos das senzalas e sem perspectivas de integração no novo modo de produção capitalista dependente, a incorporarem-se a uma economia de miséria, sendo empurrados pelas próprias barreiras do Estado dependente à criminalidade.

Carolina evidencia em todas as obras escolhidas, de forma direta e indireta, o sexismo, bem como a hipersexualização sofrida pela mulher negra, por exemplo: *“Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha. O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira e outros porqueiras que vieram além-mar”* (JESUS, 2014a, p. 38). Assim, em diálogo com Lélia Gonzalez, no que tange a análise sobre a mulher negra na sociedade brasileira, é prática comum, segundo a autora, que famílias brancas contratem jovens negras para o serviço doméstico, mas para que cumpram essencialmente a função de iniciar a vida sexual dos seus filhos. Além disso, Gonzalez apresenta como, sob a condição de doméstica, a mulher negra passa por processos de internalização da subordinação de “inferioridade” e da diferença. Essas práticas são resultado do papel violento a que a mulher negra foi submetida no escravismo colonial e que é reforçado pela ideologia dominante do mito da democracia racial.

As citações de Carolina ilustram como se estrutura o processo de exclusão da mulher negra na sociedade brasileira, por meio dos papéis sociais que cumpre na dinâmica da divisão sexual e racial do trabalho. Assim para Gonzalez (2020, p.56): “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrida pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho”. Diante da realidade de desemprego estrutural, inerente ao capitalismo dependente, as determinações de raça e sexo, atuam como mecanismos de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



hierarquização da força de trabalho, ao mesmo tempo que inviabilizam às mulheres negras a sua participação no processo produtivo ou no mercado formal de trabalho (sempre restrito), imputa a elas a condição de força de trabalho barata e disponível para o trabalho reprodutivo, de cuidados, tão necessário à dinâmica da superexploração da força de trabalho na sua totalidade (SOUZA, 2022). Como declara Carolina:

Eu olhava o dinheiro e pensava: “Sem esse papel ninguém vive. Ele nos domina, e predomina na nossa vida. Os que tem bastante são fortes, são respeitados, são os dono do leme; quem não o tem em grandes quantidades, é João-ninguém, pé-rapado, são os desconsiderados, são os fracos.” Eu só conseguia comer quando estava empregada. Era necessário procurar um emprego para viver sempre na cidade. (JESUS, 2014a, p. 195)

O resultado da marginalização da população negra, sob o capitalismo dependente, expressa-se nas condições desumanas de sobrevivência da maioria da população negra no País. Esse quadro possui relação direta com o memoricídio (BAEZ, 2010) que foi um instrumento fundamental para a dominação colonial e que se desdobra em diversas dimensões na consciência ideológica do trabalhador negro no capitalismo dependente, no sentido de não se reconhecer enquanto agente ativo na história da classe trabalhadora. De acordo com Souza (2022):

O memoricídio apresenta diversos impactos na construção ideológica do trabalhador negro pós-escravidão. Os mecanismos de barragens e de imobilização da inserção no mercado de trabalho estão, dialeticamente, articulados com a dinâmica racismo superexploração. A inserção marginal em empregos precários, instáveis e com pouca importância para a valorização do capital é atrelada à construção da sua identidade como não-trabalhador. (SOUZA, 2022, p. 46)

Tomando em conta tais elaborações, pode-se identificar na obra de Carolina a denúncia do memoricídio ao mesmo tempo em que se constrói, por meio de sua escrita, uma memória histórica. Carolina falava de seu desejo por conhecer a história do Brasil: “Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Condenava essa forma brutal e desumana que o homem encontra para solucionar os seus problemas.” (JESUS, 2014a, p. 179). A autora, que era interessada nos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



livros desde que aprendeu a ler, descreve ao longo de suas obras sobre seu gosto por conhecer a história do Brasil, principalmente a história dos sujeitos que de fato construíram esse País. Nesse sentido, dialoga-se com Clóvis Moura em seu artigo “*Atritos entre história, conhecimento e o poder*” (1990) onde apresenta como as lutas da população negra e indígena, bem como de suas lideranças, são apagadas pela historiografia oficial e quem ousa contá-las sofre perseguição e também apagamento, ao mesmo tempo em que exaltam-se as histórias da classe dominante, pois é essa classe que define quem são os “vencedores” e os “perdedores” na história do Brasil. Para Carolina: “*Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói*” (JESUS, 2014b, p. 102).

4 CONCLUSÃO

A obra de Carolina, em mediação com os demais autores apresentados mostra como esses *maus cidadãos* que são repelidos dos espaços formais de trabalho no capitalismo dependente, não estão direcionados para fora da produção social da riqueza no país, pelo contrário, compõe a totalidade do trabalho e retratam a face da classe trabalhadora que mais sofre com as expressões da superexploração da força de trabalho. Pois em uma sociedade em que o novo é sempre a modernização das estruturas arcaicas, o racismo, a propriedade privada da terra, o sexismo, a violência, a fome, a desumanização são as expressões radicais da superexploração da força de trabalho na vida da classe trabalhadora brasileira.

Contudo, a história da luta de classes no Brasil mostra como as classes oprimidas e os *maus cidadãos* forjam resistências radicais, que dinamizam a história do País, ao mesmo tempo em que criam acúmulos coletivos de resistência, organização, ao escreverem outra história possível. Lutas que vêm desde a *práxis negra*, durante o escravismo colonial, por meio da contestação, quilombos, guerrilhas, organização coletiva, suicídio, etc., e que no capitalismo dependente vão constituir acúmulos para a luta organizada dos trabalhadores livres. As contradições que pulsam do movimento da luta de classes no Brasil, revelam o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



outro lado da superexploração da força de trabalho: a negação do trabalho alienado, ao mesmo tempo em que a classe trabalhadora se reconhece e constrói e denuncia o apagamento de sua própria história, criando assim possibilidades de construção de uma nova sociedade não mais estruturada pela superexploração da força de trabalho.

REFERÊNCIAS

BAEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FARIAS, Tom. Carolina: uma biografia/ Tom Farias. – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticoexploração da mulher. In: Annual Meeting of the Latin American Studies Association. Pittsburgh, 5-5 abr. 1979a. Mimeografado.

_____. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10-12 maio 1979c. Mimeografado.

_____. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs, 1983. (Ciências Sociais Hoje, n.2)

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flavia Rios, Marcia Lima. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORENDER, Jacob. **Escravidão Colonial**.--6 ed. --São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita/ Carolina Maria de Jesus. São Paulo: SESI-SP editora, 2014a

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. Quarto de despejo: diário de uma favelada/Carolina Maria de Jesu; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. Ed. – São Paulo: Ática, 2014b.

MARINI, R. M. (2005). Memória. In: TRASPADINI, R. & STEDILE, J. P.. (orgs.), Ruy Mauro Marini. **Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular. 2005.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência: uma ontologia da obra de Ruy**

PROMOÇÃO



